

FIAMINGHI

Série: Encontro com o artista – Tomo I

Idealização e realização: Instituto Cultural Itaú

Local: São Paulo

Direção Luiz Cláudio Lins

Data: março 1993

Duração: 16 min., Betacam

Arquivo: MAM-SP

Obs: Do vídeo também constam outros "Encontros com o artista": Baravelli, Cláudio Tozzi, Fiaminghi, Nuno Ramos.

Cambuci, São Paulo, julho 1992.

Eu sempre tive em volta de mim alguma coisa ligada à arte. Eh, meus, todos os meus parentes trabalhavam no Liceu de Artes e Ofícios e meu pai trazia projetos. Eu via. Estava sempre ligado com a coisa. E eu sempre ligado com o desenho, sempre desenhei. E também houve aí um começo, aos 12 anos. Eu morava em frente a Companhia Melhoramentos, na Lapa, e tinha uma janela que dava acesso a sala de desenho, aos desenhistas. Eu ficava na janela olhando os caras desenhando. Eu dizia um dia vou trabalhar aí. E aí fui mesmo e nessa sala tinha um pintor que morava perto da minha casa. Então ficava olhando ele pintar ou olhando os desenhistas. Isso foi formando [a] a vontade de fazer a coisa. E, aí fui trabalhar nessa sala como ilustrador.

Praticamente, aos 30 anos é que a coisa se firmou, se consolidou com a arte concreta. Eu fiz uma, um catálogo para a Escola Superior de Propaganda, hoje a Escola Superior de Propaganda, e a capa do catálogo tinha uma estrutura que era um quadro para mim. Esse quadro é que eu entrei na Bienal. Com esse quadro e com um outro que tenho em casa, com esses dois quadros. Mandei para a Bienal.

Aí perdeu, como é que se diz, a espontaneidade, comecei a assumir a responsabilidade do cara que já estava no caminho que queria. Eu queria esse caminho, eu quis esse caminho. Eu fiz essa opção, eu queria a arte abstrata. O que eu não queria, realmente a essa altura era a arte figurativa. A essa altura, com 30 anos, eu já sabia que não era aquilo que eu ia querer. A paisagem já estava, o impressionismo, já era. Na época o pessoal gostava de Cézanne e Van Gogh. Van Gogh eu gostava pela leitura que eu tinha feito da vida dele. Muito mais pela vida do que pela pintura que eu não conhecia muito. Não tinha muitos livros. Depois é que... Agora..

Meu professor falava muito em Cézanne. Realmente, Cézanne é o cara que proporcionou a abertura da pintura para a pintura abstrata, desde a pintura cubista que vem a abertura [...]

Há coisas, você tem antenas. Quem quer a coisa, tem antenas, vai procurá-las onde elas estão. Não é? Elas não surgem assim: olha eu aqui. A coisa detona de acordo com a sua vontade também. Você provoca um processo, do que você quer e precisa para você.

FIAMINGHI: ENCONTRO COM A LUZ

Fiaminghi: Vocês já estão filmando, aí.

Entrevistador: Já.

Fiaminghi: Sem licença, sem nada.

Entrevistador: Nós viemos aqui para fazer uma entrevista com o senhor.

Fiaminghi: Comigo. Então começa. O que é que vocês....

Fiaminghi: O que você não vê na pintura não existe. Eu sou contra essa coisa que o cara começa e não começa a pintar. Nada disso. Já entra direto, de cara, põe a cara no meio da tinta, já.

Fiaminghi: Quer saber se arte dá dinheiro?

Entrevistador: É.

Fiaminghi: Nunca deu, viu.

O jeito de Hermelindo Fiaminghi é esse: direto e objetivo. D. Mercedes mulher do artista que o diga.

Entrevistador: São casados há quanto tempo?

Fiaminghi: Heim?

Mercedes: 50 anos.

Fiaminghi: Com essa mulher?

Mercedes: 50 anos.

Fiaminghi: Com ela é 30 anos, agora, as outras eu não sei.

Mercedes: 50 anos.

Mercedes: 50 anos, ele está mentindo. É 50.

Entrevistador: Ele sempre foi assim, brincalhão.

Mercedes: Sempre foi.

Entrevistador: Nunca?

Mercedes: É bravo.

Entrevistador: É bravo.

Mercedes: Humm!!!!

Voz feminina: Pela casa repleta de obras, o artista gosta de exibir um certa brabeza.

Fiaminghi: Oh, D. Mercedes o que é a senhora tá ouvindo aí?

Mas o mal humor é só aparência.

Fiaminghi: Você sabe que a brabeza é uma coisa que a gente chuta assim, chuta de esquerda. Você não chuta de esquerda?

Fiaminghi: Atenção!

Entrevistador/MAAR: Quer que eu ajude o senhor.

Fiaminghi: Não tá bom. Tira a mão daí.

Aos 81 anos, depois de um derrame, Fiaminghi anda com dificuldade.

Filho de imigrantes italianos sua trajetória artística começou muito cedo.

Fiaminghi: Era caroto, muito caroto, muito menino. Eu pensei que ia ganhar dinheiro com pintura e ganhei as tintas, e acabou as tintas e não tinha mais dinheiro para comprar tinta, né.